

Minha  
cor-de-rosa

Ícaro Zem

Lá estava eu deitado, dormindo dentro da cabeça de uma garotinha, dramaturgo ensaiando uma peça de Shakespeare, esperando o despertar de um anjo sem asas. Ícaro voou perto de mais do sol, e nos braços de Apollo chora a chance perdida de liberdade. Eu nunca nasci pois sempre existi, e ela por sua vez nunca morreu. Talvez sempre tenhamos coexistido, talvez por isso eu parecia odiar algo dentro de mim sem explicação.

Em alguns lugares existe a certeza das folhas de outono caindo, ou a neve branca de inverno que forra o chão, mas isso não existe na minha terra, no meu Brasil existe o caos que aconchega durante as estações. Dentro de mim existe algo semelhante, que não funciona como deveria ou como se é esperado, e mesmo assim sua beleza permanece ali para os olhos que a querem ver. Dentro de mim existe turbulência, qual nome e sobrenome são difíceis de decidir. Talvez mamãe me ajude escolher novamente, e talvez depois de todo esse tempo papai abra os braços, para receber os ventos dessa nova estação.

Meu trem precisa partir.

Se ela não morreu, porque eu sinto que ela nunca viveu? Nunca segurei sua mão pra lhe dizer que ficaria tudo bem, ela esperou por anos se encontrar, ela viu coisas as quais uma criança não precisava saber da existência. Uma visão fictícia do mundo me hipnotiza, e eu estava perdido no teu olhar esperançoso de menina, acreditando que eu poderia escolher um caminho mais fácil para seguir.

Sonhei com uma fada, cabelos longos como feixes de luz, ela segurou meu rosto em suas mãos e me disse que o sol me banharia feliz novamente, e eu senti a tal calma pela primeira vez. Ela chamou meu nome, mas o nome ainda não era meu, ela olhou no fundo meus olhos como se procurasse alguém dentro do meu corpo. “Oh menininho, você vai aprender a gostar de você, a vida precisa ainda te ensinar o que é viver, você sobreviveu demais.”

Eu acordo, numa manhã de domingo com céu nublado e preguiçoso, colchões no chão, a fórmula 1 na televisão e o café na mesa me dizem infância, meu pai me dá um beijo na cabeça, “Bom dia minha cor-de-rosa”.

Hoje sim, meus cabelos cor de algodão-doce como diz minha irmã, e o retrato vivo com qual ando me faz rosa. Mas o rosto inchado da noite passada refletido no espelho, certas vezes não reconheço. Todo dia eu tento procurar em mim quem eu sou, todo dia construindo meu eu em pilares de vidro, tão delicados e transparentes. Sei que eu vou conseguir, demorou chegar aqui para eu desistir agora. Como posso esconder do mundo a única pessoa que sou? Eu acordo e tento decidir se vou me vestir para eles ou para mim; a menininha que vive aqui dentro pede aconchego, e eu coloco minhas meias listradas de rosa e flores, usando toda a coragem que juntei ao longo dos anos.

Talvez exista um Deus, talvez existam deuses, e talvez eu não seja castigado por tentar ser feliz na única vida qual tenho certeza que vou ter. Tentar montar uma comunidade para fugir das agressões do mundo, o que um Deus falaria disso? Do que sabe um deus sobre os delitos humanos?

Existirá alegria em ver as notícias algum dia? Não posso mais ver meus irmãos e irmãs morrendo pelas mãos da injustiça, esse caos foi longe demais.

Trechos que não se conectam, sonhos, idéias e ideais quais correm por dentro de mim sem rumo, procurando o caminho certo a seguir. Cada pedacinho meu teme, que não existe lugar seguro para existir, lugar qual me quer verdadeiro e não só me aceita por obrigação.

Eu nunca senti medo, mas a angústia me alcançou quando eu finalmente me reconheci. A minha identidade trouxe consigo o perigo, agora meu pai tem medo que eu saia na rua vestido como menino, eu posso apanhar, eu posso morrer por tentar viver minha verdade. Morre um pedaço de mim quando penso na possibilidade de perder alguém sobre algo que não tenho o controle, me consome ter que escolher entre viver uma vida deturpada e viver uma mentira.

Mentir para minha família não me olhar com aqueles olhos de desgosto, desapontamento, negação, ódio.

Tenho medo de olhar naqueles olhos.

Não é domingo, mas talvez uma quinta-feira lenta, céu violeta acinzentado, e eu deitava no chão incrédula pensando “quando isso acaba?”. Os gritos saem de vocês e meu coração absorve, eu grito em silêncio, estática que suspira em meu ouvido e agita minha alma, falta algo aqui. Eu revivo a mesma memória, na beirada da beliche eu imagino nosso futuro sem pensar no meu, o tempo passa tão rápido. Pela primeira vez eu estou me descobrindo, com medo, mas esse medo que continua me empurrando pra frente, a incerteza do que vai acontecer me mantém em alerta.

Entre aquele 10 de outubro e o setembro de 2019, é estranho quanta coisa aconteceu. Nada mudou. Eu ainda tenho medo de admitir quem sou, e vocês ainda não querem deixar de ser o que são.

Eu sento no chão ao lado de sua cama, me sinto uma criança novamente, eu falo mil coisas e não consigo dizer uma sequer. Você me acolhe e eu sinto a roda começar a girar no meu peito, vai dar tudo certo. Você vai continuar comigo não importa o que eu disser não é, sempre fomos eu e você contra o mundo.

Réveillon.

Sorriso esculachado eu sinto o vento em meus cabelos, castanhos, curtos, eu sinto meus olhos úmidos. Não lembro

a última vez que senti que era bom viver. Deus eu estava contente em viver no meio desse caos. Eu olhei para o céu e pensei que talvez eu não seja a menina que pensei ser, e o menino que eu talvez venha a ser vai ser muito mais feliz.

Eu sonhei que estava na casa da minha avó, deitado no quintal sobre uma toalha de mesa branca bordada de verde limão, e sob minha cabeça o colo de uma pessoa que eu amava de maneira impetuosa. As borboletas azuis no meu estômago, o calor que subia atrás das orelhas, sua mão macia em meus cabelos e o cafuné que me traria sossego. Pesadelo.

Eu sei que ele dizia estarmos bem mas eu senti os olhares da minha família no batente da porta. Eu amava esse rapaz, mas eu era um menino e isso os perturbava. Acordei desorientado, com uma saudade triste daquela realidade, negação eterna. Como posso eu admitir esse pecado, que não passa de amor? Blasfêmia, injúria, inferno. O que seria da minha fé, escrita em meu gênesis com faca de mel em meu íntimo?

Eu chorei. Como podem dizer que um deus que é amor, odeia que amem ao outro, a si mesmo? Aprender a se amar finalmente, para aceitar o pensamento que Deus prefere que eu mate meu menino para viver uma mentira nesse mundo que vai ser destruído?

Se o meu pecado for o de tentar viver até o fim, talvez eu aproveite ser feliz no meio tempo.

Eu mal fechei meus olhos e lá estava você.

Mamãe diz que eu nasci miúda, olhos expressivos, pequena e cor-de-rosa. Acho que essa cor veio bordada em mim, e talvez seja uma das poucas coisas que vieram comigo qual eu nunca odiei. Como poderia eu odiar algo que só me falaram com voz doce e branda?

O tempo já não é mais circular na minha cabeça, o relógio não funciona como deveria e as memórias começam a se sobrepor, porém está tudo aqui. Sempre estive.

Eu dia ou outro me arrependo até os ossos de não ter te contado, eu não deveria ter tido tanto medo mas eu nem me conhecia direito, eu queria viver tudo devagar com você mas a vida tem outros planos. Eu fantasiava um cenário qual você me amaria assim, estranhamente ele. Por que as coisas precisam ser assim?

Sinto que devo muito à mim mesmo, à vovô eu pensei tantas vezes em contar, naquele dia ele bebia e me contava várias histórias, estava na ponta da língua. Quando eu segurei sua mão na UTI eu pensei mil vezes em falar baixinho eu seu ouvido, as lágrimas me atrapalharam de pensar direito. Eu queria tanto te contar que sou seu menino vovô, eu sei que do seu jeito maluco você ia me aceitar, mas eu não tive coragem, eu tinha alguma fé de que o senhor ia ficar bem.

E o Natal sempre vem com essa luz quente.

Calculando cada passo meu, detalhado, perfeccionista, eu revejo meu roteiro toda manhã, será que é isso mesmo o que eu quero fazer? Um novo ano, novo começo, a dor latejante de algo que não vai embora, mas eu posso apaziguar um peso da minha alma enfim. Se eu não tenho certeza ainda eu nunca vou a ter, vou com medo e vou com o que tenho para oferecer.

Eu tenho o sentimento de pressa para poder me expressar, quero poder sentir orgulho de quem eu sou, não quero mais usar desculpas, diminuir o meu sentimento de individualidade. Eu tenho sim orgulho de ser trans, porque isso mostra o caminho que eu percorri para me aceitar, mesmo da forma mais drástica eu vou me amar. Eu sofri por medo da não aceitação, chorei inúmeras noites sozinho para poder admitir em voz alta meu nome, e não vou deixar ninguém me dizer que eu deveria ser discreto quanto a isso.

Ainda é difícil imaginar meu futuro, minha família me tratando diferentemente, o mundo nunca mais me vendo como eu, porque eu nunca vou ser um homem, pra sempre eu era outro alguém, sempre vão ver minhas cores. Então eu não faço mais questão de escondê-las, eu vou bradar em poema o meu cor-de-rosa, o meu azul e o branco da paz que eu sonho em ter.

Você se encontrou? Eu olho para as estrelas esperando alguma resposta, estamos todos debaixo dessa constelação, mas será que alguém se conheceu realmente? Espero que um dia vivamos um lindo sonho, de pessoas nuas de felicidade, esbanjando sorrisos e vestidas de amor.

Meus sonhos parecem certas vezes escorrer pelos meus dedos, meus sonhos de poesia, prosa corrida entre histórias para o mundo. Eu quero entregar vida, eu quero entregar emoção mas preciso saber se chegará a teu sangue o meu sangue. Eu escrevo e escondo fundo no meu peito, eu guardo para ti o pedaço mais belo do fim, eu vou conseguir ser quem a sua criança precisa.

Seu nome, meu nome, eu não à matarei. Meu paradigma desperto de fúria, o espelho não reflete mais seu rosto e me pergunto quando refletirá o meu, eu o moldo dia-a-dia. Michelangelo e seu mármore, eu e o amante sol, mãos queimadas em cera quente colocamos suas asas de volta no lugar. Eu espero pacientemente o dia que levantarei voo para fora desse labirinto. Aspirante a escritor, um amante aspirante da vida, um jovem mergulhado em falsas esperanças que o quer fazer concretas. Sou eu o rapaz nesse corpo, não mulher mas também não homem, essa identidade não é minha, é algo a mais. É querer ser masculino e etéreo, a minha feminilidade é só minha memória e carisma, quero ser feminino apenas como os homens são quando usam saias compridas, quero poder ver além do gênero e me sentir eu ainda.

Eu acreditei por muito tempo não ter medos de verdade, quando eu temo muito por mim mesmo. Temo a ideia de não ser bom o suficiente para quem importa, tenho medo perder aqueles que amo mais do que tudo, medo de não viver o suficiente antes de morrer.

E mesmo não tendo medo de morrer, temo, por aqueles que posso deixar para trás. De que valerá todo o tempo que sofri se não for para ter visto as maravilhas do mundo, e sentir as lindas borboletas de que tanto falamos? O que ficou provado da vida que levei se não há nada conquistado para ser deixado para trás em meu nome?

Eu percebi que o meu maior medo na vida é morrer sabendo que não vivi, ou que vivi sem o amor que me foi prometido. Partir, não ser esquecido, mas sim, não ter sido eu.

Este é só o fim do começo.

# ÍCARO ZEM

Ainda não assumi meu nome social, mas minha música favorita quando mais novo era Sonho de Ícaro. Tenho 19 anos e sou do interior de São Paulo, venho trabalhando na minha escrita e tenho como objetivo me formar na área de linguística, para trabalhar com escrita e redação.

Comecei a escrever minha primeira história com intenção de publicar em formato de livro aos 14 anos, e hoje estou tentando terminar de escrever alguns dos meus livros de ficção, romance e aventura.

Minha forma favorita de me expressar é através da escrita, sempre foi um meio de desabafo e conforto, meus mais de 60 poemas são cheios disso e espero logo poder compartilhar isso com o público leitor.